

Resenhas



A SEXUALIDADE NA GRÉCIA ANTIGA

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Amor e sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 143 p.

*Luana Neres de Sousa**
neresluana@yahoo.com.br

As peculiaridades do mundo grego em relação às relações sexuais não são, de modo algum, novidade em trabalhos historiográficos, sobretudo após o alargamento do horizonte de pesquisa que a História Cultural realizou após a segunda metade do século XX. Numerosas são as análises do papel que as culturas helenas dedicavam aos contatos sexuais entre indivíduos de mesmo sexo biológico e o desprezo masculino em relação às mulheres. Entretanto, raros são os pesquisadores que não cometem a inadvertência de adequar à visão do homem grego, em especial o ateniense, os moldes sexuais do mundo contemporâneo, oferecendo aos primeiros a falsa idéia de que, na Grécia de Sócrates, Alcibíades, Platão e Aristóteles, a homossexualidade, como é concebida no mundo contemporâneo atual, era natural e muitas vezes apoiada pela sociedade. Sabemos que homossexualidade é um conceito surgido somente durante a segunda metade do século XIX, não sendo apropriado, portanto, para designar os contatos sexuais entre indivíduos do mesmo sexo durante a Antiguidade. Muitas dessas pesquisas estão imbuídas do preconceito proveniente do moralismo herdado pelo cristianismo e judaísmo, intolerantes à prática sexual que não esteja direcionada à reprodução. Outras buscam legitimar o comportamento homoerótico de grupos em nosso tempo, os quais muitas vezes tentam legitimar suas práticas, buscando as respostas para suas perguntas em sociedades antigas como a grega e a romana.

O Prof. Ullmann, docente do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), esforçou-se em não cometer anacronismos em seu texto ao apresentar ao leitor os termos em grego que melhor exprimissem os sentimentos helenos em relação a Eros, demonstrando seu vasto conhecimento sobre o grego clássico. Dividido

* Mestranda em História Antiga na Universidade Federal de Goiás.

em doze capítulos, antecidos de uma introdução, e finalizado com um posfácio, *Amor e sexo na Grécia antiga* é um convite ao estudo da antiga Hélade e dos costumes daqueles que a habitavam no tempo em que o cristianismo e seus padrões morais ainda não haviam ditado as regras da sexualidade no Ocidente.

No decorrer da obra, Ullmann discute com historiadores, literatos e filósofos como Hegel, Eva Cantarella, Juan Galán, Violaine Vanoyeke, Kenneth Dover, Charles Moeller, Suzane Said, Henri-Irénée Marrou, dentre outros. Há também uma grande quantidade de fontes dos mais diversos gêneros, tais como Homero, Platão, Xenofonte, Aristófanes, Aristóteles, Hesíodo, Demócrito, o que contribui para a fundamentação das suas principais idéias. Apesar de se tratar de um trabalho realizado por um filósofo – portanto, não sendo diretamente destinada ao público acadêmico de História –, *Amor e sexo na Grécia antiga* é um bom material para análises históricas iniciais sobre a vida sexual e conjugal dos helenos, salvo algumas considerações.

No primeiro capítulo, intitulado “A sexualidade na Grécia antiga”, Ullmann esclarece que os termos “homossexualidade” e “heterossexualidade” eram desconhecidos entre os gregos antigos e que são uma criação do mundo moderno, afirmando ainda que o comportamento sexual entre os helenos estava próximo da bissexualidade. Todavia, comete o equívoco de utilizar tais termos posteriormente para designar as relações entre erastas e erômenos,¹ sem ressaltar que o contato sexual entre pessoas de mesmo sexo biológico não possuía a mesma conotação que as relações afetivo-amorosas homossexuais atuais. A repetição de termos como “homossexualidade masculina” e “relações homossexuais” compromete em parte o trabalho de Ullmann por se tratarem de conceitos empregados em uma civilização que os desconhecia. A elucidação da pederastia, enquanto intuição destinada à formação social e política dos eupátridas, ocorre a partir do quinto capítulo, “Homossexualidade e moral”. Todavia, apesar de apresentar o caráter pedagógico da pederastia em Atenas nesse período, Ullmann não a diferencia do homoerotismo do mundo contemporâneo, podendo causar, de certo modo, confusão ao leitor que desconhece a fundo tal assunto.

Na apresentação da obra, o Prof. Dr. Evilázio Teixeira, docente da PUCRS, tece diversos elogios ao trabalho de Ullmann acerca de sua formação, de seu conhecimento das línguas clássicas e de sua erudição:

Nosso autor, investido de um notável conhecimento e erudição, não comete o mesmo erro cometido por inúmeros investigadores, no que

diz respeito aos escândalos e orgias referentes à relação especial entre homens. Por exemplo, a palavra pederastia, que em todos os idiomas é sinônimo de um vício erótico, na Antiguidade clássica não era mais que uma instituição pedagógica baseada no amor puro e desinteressado, que não tinha absolutamente nada a ver com as relações homossexuais.

A respeito do conceito de pederastia, a partir do quinto capítulo, o próprio Ullmann ressalta que esta era uma instituição pedagógica que visava à formação social dos jovens futuros cidadãos de Atenas. Tendo consciência das divergências existentes entre a pederastia ateniense do período clássico grego e a homossexualidade moderna, parece incoerente o constante uso durante o texto do termo “homossexual” para designar os pederastas atenienses e também o fato de três capítulos do livro possuírem a palavra “homossexualidade” em seus respectivos títulos: “Homossexualidade”, “Homossexualidade masculina e feminina” e “Homossexualidade e moral”.

No decorrer da obra, diversos assuntos são abordados: o casamento, a pederastia, a prostituição, os símbolos de fertilidade, a ética e a moral. Vários exemplos são citados, ilustrando e enriquecendo o livro. O leitor é constantemente convidado a mergulhar no universo grego, o que torna a leitura agradável e interessante.

Ullmann apresenta uma interessante reflexão no “Posfácio” acerca de possíveis traumas psicológicos enfrentados pelos erômenos. Segundo o filósofo, deixar de ser passivo² e assumir um papel ativo na sociedade poderá ter acarretado grandes perturbações nos jovens cidadãos. Isso demonstra que a moral sexual existia nessa civilização e erradica idéias errôneas de que entre os gregos, quando o assunto era sexo, tudo era possível.

Apesar de o livro possuir como título *Amor e sexo na Grécia antiga*, notamos que os apontamentos de Ullmann concentram-se na pederastia ateniense. Mesmo citando Esparta, as reflexões do autor claramente referem-se à cidade de Atenas. Ao generalizar a pederastia praticada em Atenas a toda Grécia, mais um deslize é cometido pelo autor, que inúmeras vezes refere-se à cultura grega. Sabemos que os gregos eram unidos por sua religião e idioma, mas que cada Cidade-Estado possuía legislação e costumes próprios, constituindo uma cadeia de culturas dentro da Hélade. Logo, o tratamento direcionado ao sexo também variava entre as cidades helenas, uma vez que a sexualidade é uma construção cultural.

Em suma, salvo os pontos polêmicos apresentados, *Amor e sexo na Grécia antiga* é escrito numa linguagem clara e objetiva. Conhecer a maneira pela qual os antigos helenos lidavam com sua sexualidade permite-nos

adentrar de um modo mais familiar em sua cultura e, através de debates sobre a intimidade de outras civilizações, incita-nos a refletir sobre nossos problemas cotidianos e o modo como tratamos nossa própria sexualidade.

NOTAS

- 1 De acordo com a historiografia atual, erasta é o cidadão socialmente ativo, que possui o papel de educador do erômeno. Erômeno é um jovem, futuro cidadão de Atenas, com idade variante entre 12 e 20 anos, introduzido no seio da sociedade pelo erasta.
- 2 Entendamos “passivos” e “ativos” mais por comportamento social que por alguma posição no ato sexual.